

ALIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • AGOSTO DE 1992



A LIAHONA

AGOSTO DE 1992



Primeira capa:

"Continuamos a acelerar o passo para nos tornarmos uma Igreja que serve à maior parte do mundo," escreve Élder John K. Carmack. Mas, diz ele, a despeito de diferentes culturas, podemos ter "unidade na diversificação." (Vide p. 26.) Ilustrado por Roger Loveless.

Capa da Seção Infantil

Na Escandinávia, o dia mais longo do ano, no meio do verão, é um dia de festa. Como parte das festividades, crianças e adultos usam coroas de flores, o que é uma tradição. Esta menina usa uma coroa enquanto brinca com um cavalinho de madeira no parque de Vanersborg, Suécia. Fotografia de Peggy Jellinghausen.

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: A PEDRA ANGULAR DE NOSSA RELIGIÃO

PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON 2

SANTOS INDONÉSIOS DAVID MITCHELL 10

UNIDADE NA DIVERSIFICAÇÃO ÉLDER JOHN K. CARMACK 26

É POSSÍVEL SER FELIZ? BARBARA CECCHINARO 32

**O LIVRO DE MÓRMON:
PINTURAS DE ARNOLD FRIBERG** 34

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

MINHA MÃE E AS ESTRELAS ELAINE REISER ALDER 22

O ARDOR NO PEITO VEIO DEPOIS LARRY A. HILLER 44

ACAMPAMENTO EM ABIDJAN CHIRLEY ROUNDY ARNOLD 46

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: INSTRUIR E EDIFICAR NAS REUNIÕES DE ECONOMIA DOMÉSTICA

25

SEÇÃO INFANTIL

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: ALMA E NEHOR

2

O DOM CYNTHIA COVEY HALLER 4

TEMPO DE COMPARTILHAR: QUE TODO HOMEM AME SEU PRÓXIMO

VIRGINA PEARCE 8

SÓ PARA DIVERTIR 10

MÚSICA: NÓS SOMOS DIFERENTES

PATRICIA KELSEY GRAHAM 11

DE UM AMIGO PARA OUTRO: ÉLDER ANGEL ABREA

12

AMIGOS CRIATIVOS EM NOTÍCIA 14

RELATÓRIO SOBRE O LIVRO DE MÓRMON

K. SCHOFIELD 16

AGOSTO de 1992, Vol. 16, nº 8
92988 059 São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência:

Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:

Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores:

Rex D. Pinegar, Charles Didier, Robert E. Wells

Editor: Rex D. Pinegar

Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton

Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:

Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker

Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen

Desenho: Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Steve Dayton, Jane

Ann Kemp, Denise Kirby

Controlador: Diana W. Van Staveren

Programação: Diana W. Van Staveren

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Paulo Dias Machado

(Reg. 8966-35-02 - RJ)

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209173 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:
Departamento de Assinaturas,
05599-970 - Caixa Postal 26023,
São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20.000,00; para Portugal - Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua Aquiles Machado, 5M5J - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 1.700,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA - © 1977 por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The *Liahona* (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price \$9,00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

COMENTÁRIO

MINHA VIDA FOI MUDADA

Minha vida foi mudada graças à *Liahona* (espanhol). Durante o ano de 1991 li muitos artigos que me ajudaram a mudar de vida, progredir no evangelho, e que me encorajaram a partilhá-lo com outras pessoas.

Continuem a publicar os belos e significativos artigos que abrandarão corações e mudarão vidas para melhor, tal como aconteceu com a minha.

Magaly Mercado Martínez

Ala August 15

Estaca Arequipa Peru Manuel Prado

MINHA SEGUNDA FAMÍLIA

Sou realmente grata pela edição de abril de 1991 da *Seito no Michi* (japonês). Impressionou-me especialmente o artigo "Permanecer Ativo — Quando o Cônjuge não é Membro".

Embora não seja ainda casada, fiquei bastante animada com o artigo, porque sou o único membro da Igreja em minha família.

Espero que um dia eu possa realizar uma noite familiar com todos os meus familiares.

A Igreja é, para mim, minha segunda família, e sou profundamente grata pelo maravilhoso evangelho de Jesus Cristo.

Mika Takeuchi

Ramo Taniyama

Estaca Japão Kagoshima Chiho

MUITO ÚTIL

Meus dois irmãos e eu gostaríamos de agradecer-lhes pela publicação do *Tambuli* (publicação em língua inglesa para as Filipinas).

Tenho sido um assíduo leitor desde 1989 e apreciado cada exemplar. As mensagens das Autoridades Gerais e muitos outros artigos têm sido de grande ajuda para mim. Quanto mais aprendemos o evangelho de Jesus Cristo, mais fortalecemos nosso relacionamento com Deus.

Oxalá membros e não-membros tenham a oportunidade de ler essa poderosa revista.

Eden Tibayan Meneses

Segunda Ala Urdaneta

Estaca Filipinas Urdaneta

UMA VERDADEIRA BANDEIRA

Obrigado pelo maravilhoso trabalho de *A Liahona*.

Gosto de compartilhá-la com meus amigos não-membros, que a apreciam muito e elogiam o seu trabalho. O conteúdo é diferente de qualquer outra revista.

Sou grata ao Pai Celestial por abençoar nossos líderes com a inspiração de publicá-la. É verdadeiramente uma bandeira para todas as nações.

Ana Cláudia Souza Oliveira

Ala Floresta

Estaca Brasil Belo Horizonte



A Pedra Angular de Nossa Religião

Presidente Ezra Taft Benson

Eu gostaria de vos falar a respeito de uma das mais expressivas dádivas concedidas ao mundo moderno. Essa dádiva é muito mais importante do que qualquer das invenções surgidas através das revoluções industrial e tecnológica. É uma dádiva mais valiosa para a humanidade do que quaisquer das maravilhosas conquistas da medicina moderna. Tem maior valia para o ser humano do que a aviação ou as viagens espaciais. Estou falando sobre o Livro de Mórmon.

Esta dádiva foi preparada pela mão do Senhor, durante um período de mais de mil anos, e escondida por ele, a fim de ser preservada em sua pureza para nossa geração. Talvez não exista nada que testifique mais claramente a importância deste livro de escrituras, do que o que o próprio Senhor afirmou a respeito:

O Profeta Joseph Smith disse que um homem se aproximaria mais de Deus seguindo os preceitos contidos no Livro de Mórmon do que os de qualquer outro livro.

Por sua própria boca, ele deu testemunho de que (1) é verdadeiro (D&C 17:6); (2) contém a verdade de suas palavras (D&C 19:26); (3) foi traduzido pelo poder do alto (D&C 20:8); (4) contém a plenitude do Evangelho de Jesus Cristo (D&C 20:9; 42:12); (5) foi dado por inspiração e confirmado pela ministração de anjos (D&C 20:10); (6) fornece evidência de que as santas escrituras são verdadeiras (D&C 20:11); e (7) aqueles que o receberem com fé, terão vida eterna (D&C 20:14).

O segundo testemunho de sua importância é a ordem em que aparece entre os eventos da Restauração. Foi precedido apenas pela Primeira Visão. Nessa assombrosa manifestação, o Profeta Joseph Smith aprendeu a verdadeira natureza de Deus, e que o Pai tinha um trabalho a ser executado por ele. O passo seguinte foi o aparecimento do Livro de Mórmon.

Pense neste aspecto e em suas implicações. O aparecimento do Livro de Mórmon precedeu a restauração do sacerdócio. Foi publicado apenas alguns dias antes da organização da Igreja. Os santos o receberam antes que lhes fossem conferidas revelações sobre grandes doutrinas, como os três graus de glória, o casamento celestial e a obra vicária. Veio à luz antes da organização dos quoruns do sacerdócio e da Igreja. Isto não vos faz perceber de que forma o Senhor encara esta obra sagrada?

Entendendo como o Senhor se sente a respeito deste livro, não é de surpreender que ele também nos advirta solenemente a respeito de nossa atitude. Após indicar que aqueles que recebem o Livro de Mórmon com fé e agem com justiça conquistarão a coroa da vida eterna (vide D&C 20:14), o Senhor continua com a seguinte admoestação: “Mas os que endurecerem seus corações na incredulidade e o rejeitarem, isso reverterá em sua própria condenação.” (D&C 20:15).

Em 1829, o Senhor disse aos santos que não deviam



FOTOGRAFIA DE STEVE BUNDERSON

brincar com as coisas sagradas (vide D&C 6:12). Certamente o Livro de Mórmon é uma coisa sagrada. Muitos há, porém, que brincam com ele, ou, em outras palavras, tratam-no com leviandade, como se fosse um assunto de pouca importância.

Em 1832, quando alguns dos primeiros missionários retornaram do campo de trabalho, o Senhor reprovou-os por terem tratado o Livro de Mórmon levemente. Devido a essa atitude, afirmou ele, suas mentes haviam sido obscurecidas. Tratar este livro santo com leviandade, não apenas provocara neles uma perda de luz, mas levava toda a Igreja a ficar sob condenação, incluindo todos os filhos de Sião. E então o Senhor disse: “Eles permanecerão sob essa condenação até que se

O Livro de Mórmon foi escrito para os nossos dias. Morôni disse: “E eis que eu vos falo como se estivésseis presentes, e entretanto, não estais. Mas, por Jesus Cristo me fostes mostrados e conheço as vossas obras” (Mórmon 8:35).

arrependam e se lembrem do novo convênio, mesmo o Livro de Mórmon” (D&C 84:54-57).

O fato de termos tido o Livro de Mórmon conosco por mais de cento e cinquenta anos faz com que ele nos pareça menos significativo hoje? Nós nos lembramos do novo convênio, o próprio Livro de Mórmon? Na Bíblia temos o Velho Testamento e o Novo Testamento. A palavra *testamento* é a versão de uma palavra grega que também pode ser traduzida como convênio. É isto que o Senhor quis dizer quando chamou o Livro de Mórmon de “novo convênio”? Esta é uma das razões pelas quais acrescentamos as palavras “*Um Outro Testamento de Jesus Cristo*” ao título do Livro de Mórmon.

Se os santos antigos foram reprovados por tratar levemente o Livro de Mórmon, nossa condenação será menor, caso façamos o mesmo?

Há três grandes motivos pelos quais os santos dos últimos dias devem fazer do estudo do Livro de Mórmon um projeto para a vida toda.

O primeiro é que o Livro de Mórmon é a pedra angular de nossa religião. Esta foi a afirmação do Profeta Joseph Smith. Ele testemunhou que “o Livro de Mórmon é o mais correto dos livros na terra, e a pedra angular de nossa religião” (Introdução do Livro de Mórmon). Uma pedra angular é uma pedra de esquina, que une as paredes de um edifício. Se é retirada, as paredes e a edificação desmoronam.

O Livro de Mórmon é a pedra angular de nossa religião em três aspectos: É a pedra angular na certeza que temos de Cristo. É a pedra angular de nossa doutrina. É a pedra angular do testemunho.

O Livro de Mórmon é a pedra angular de nosso testemunho de Cristo, que, por sua vez, é a pedra angular de tudo que fazemos. O livro presta testemunho da realidade de Cristo com poder e clareza. Diferentemente da Bíblia, que passou por gerações de

copistas, tradutores e religiosos corruptos que alteraram o texto, o Livro de Mórmon passou do escritor ao leitor em apenas uma etapa inspirada de tradução. Assim, seu testemunho do Mestre é claro, inalterado e cheio de poder. Ele faz ainda mais. A maioria do mundo cristão de hoje rejeita a divindade do Salvador. As pessoas questionam seu nascimento miraculoso, sua vida perfeita e a realidade de sua gloriosa ressurreição. O Livro de Mórmon ensina, em termos claros e inconfundíveis, a verdade de tudo isso. Também oferece a mais completa explicação da Expição. Na verdade, este livro divinamente inspirado é uma pedra angular no testemunho que prestamos ao mundo de que Jesus é o Cristo (vide página-título do Livro de Mórmon).

O Livro de Mórmon é também a pedra angular da doutrina da ressurreição. Como mencionamos anteriormente, o próprio Senhor declarou que o Livro de Mórmon contém “a plenitude do Evangelho de Jesus Cristo” (D&C 20:9). Isso não significa que ele contém todos os ensinamentos e todas as doutrinas já reveladas, mas significa que, no Livro de Mórmon, encontramos a plenitude das doutrinas requeridas para nossa salvação. São ensinadas de maneira clara e simples, para que até as crianças possam aprender os caminhos da salvação e da exaltação. O Livro de Mórmon oferece tanto, que amplia nosso entendimento das doutrinas de salvação. Sem ele, muito do que é explanado em outras escrituras não seria, de modo algum, tão claro e precioso.

Por fim, o Livro de Mórmon é a pedra angular do testemunho. Assim como as paredes desmoronam se a pedra angular for removida, também toda a Igreja permanece de pé ou não, dependendo da veracidade do Livro de Mórmon. Os inimigos da Igreja compreendem este ponto claramente. É este o motivo pelo qual vão tão longe, tentando desacreditar o Livro de Mórmon, pois, se conseguissem fazê-lo, o Profeta Joseph Smith cairia com



NORMAN RESUMINDO AS PLACAS DE TOM LOVEL

Sob a inspiração de Deus, que vê todas as coisas desde o início, ele resumiu centenas de registros, escolhendo histórias, discursos e eventos que seriam da maior valia para nós.

ele. E também nossa pretensão às chaves do sacerdócio, à revelação e à restauração da Igreja. De modo semelhante, porém, se o Livro de Mórmon for verdadeiro — e milhões de pessoas já testemunharam que têm o testemunho do Espírito quanto à sua veracidade — então é necessário aceitar as alegações da Restauração e de tudo o que a acompanha.

Sim, o Livro de Mórmon é a pedra angular de nossa religião — a pedra angular de nosso testemunho, a pedra angular de nossa doutrina, e a pedra angular da certeza de nosso Senhor e Salvador.

O segundo grande motivo para fazermos do Livro de Mórmon o centro de nossos estudos, é que foi escrito para os nossos dias. Os nefitas jamais o tiveram, nem os lamanitas dos tempos antigos. Ele foi feito para nós. Mórmon escreveu próximo ao fim da civilização nefita. Sob a inspiração de Deus, que vê todas as coisas desde o início, ele resumiu centenas de registros, escolhendo as histórias, discursos e eventos que seriam de maior valia para nós.

Todos os escritores principais do Livro de Mórmon testemunharam ter escrito para as gerações futuras. Néfi afirmou: “Prometeu-me o Senhor Deus que estas coisas que escrevo serão guardadas, preservadas e entregues a meus descendentes, de geração em geração” (2 Néfi 25:21). Seu irmão Jacó, que o sucedeu, escreveu palavras semelhantes: “Porque (Néfi) disse que a história de seu povo seria gravada sobre as outras placas e transmitida a meus descendentes, de geração em geração” (Jacó 1:3). Enos e Jarom, ambos indicaram que também estavam escrevendo, não para seu próprio povo, mas para gerações futuras (vide Enos 1:15–16; Jarom 1:2).

O próprio Mórmon afirmou: “Sim, falo a vós, ó remanescentes da casa de Israel” (Mórmon 7:1). E Morôni, o último dos escritores inspirados, realmente viu nossos dias. “Eis que”, disse ele, “o Senhor me revelou

grandes e maravilhosas coisas relativas a um futuro próximo, ao dia em que essas coisas aparecerão entre vós.

E eis que eu vos falo como se estivésseis presentes e, entretanto, não estais. Mas, por Jesus Cristo me fostes mostrados e conheço as vossas obras” (Mórmon 8:34–35).

Se eles contemplaram nossos dias e escolheram aquilo que seria de maior valor para nós, não é assim que devemos estudar o Livro de Mórmon? Precisamos perguntar constantemente a nós mesmos: “Por que o Senhor inspirou Mórmon (ou Morôni, ou Alma) a incluir isto em seu registro? Que lição posso aprender aqui, para ajudar-me a viver nestes dias e nesta época?”

E encontramos exemplo após exemplo, de como essa pergunta será respondida. O Livro de Mórmon ensina como nos prepararmos para a segunda vinda, por exemplo. Uma parte importante do livro focaliza algumas décadas que antecederam a vinda de Cristo à América. Estudando atentamente esse período, podemos entender por que houve gente que foi destruída durante os terríveis julgamentos que precederam a vinda do Salvador, e o que fez com que outros permanecessem em frente do templo, na terra de Abundância, podendo tocar as feridas de seus pés e mãos.

Pelo Livro de Mórmon aprendemos como os discípulos de Cristo viveram em épocas de guerra. Também vemos os males das combinações secretas retratados numa realidade vívida e apavorante. No Livro de Mórmon encontramos lições sobre como enfrentar a perseguição e a apostasia. Aprendemos muito a respeito da realização da obra missionária. E, acima de tudo, vemos no Livro de Mórmon os perigos do materialismo e de pôr o coração nas coisas do mundo. Pode alguém duvidar de que esse livro foi escrito para nós, e que nele encontramos grande poder, grande conforto e grande proteção?

O testemunho do Mestre, contido no Livro de Mórmon, é claro, inalterado e cheio de poder . . . Na verdade, este livro divinamente inspirado é uma pedra angular no testemunho que prestamos ao mundo de que Jesus é o Cristo.

O terceiro motivo pelo qual o Livro de Mórmon tem tanto valor para os santos dos últimos dias é dado na mesma declaração do Profeta Joseph Smith, já citada. Afirmou ele: “Disse aos irmãos que o Livro de Mórmon é o livro mais correto da terra e a pedra angular de nossa religião, e que, seguindo seus preceitos, o homem aproximar-se-ia mais de Deus do que por qualquer outro livro.” Essa é a terceira razão para estudarmos o Livro de Mórmon. Ele nos ajuda a nos aproximarmos mais de Deus. Não existe algo dentro de nosso coração que anseia por se aproximar de Deus? Não desejamos ser mais semelhantes a ele em nosso viver, sentir sua presença conosco constantemente? Se esse é o caso, então o Livro de Mórmon nos ajudará a consegui-lo, mais do que qualquer outro livro.

Não é apenas a verdade que o Livro de Mórmon nos ensina, embora ele realmente o faça. Não é apenas o testemunho de Cristo que o Livro de Mórmon presta, embora ele realmente o faça também. Há algo mais. Existe um poder no livro que começa a fluir para nossa vida, no momento em que iniciamos um estudo sério de seu conteúdo. Descobriremos maior poder para resistir à tentação. Encontraremos poder para evitar as dissimulações. Encontraremos poder para permanecer no caminho reto e estreito. As escrituras são chamadas de “palavras de vida” (vide D&C 84:85), e, em nenhum outro lugar isso é mais verdadeiro do que no Livro de Mórmon. Quando começardes a ter fome e sede dessas palavras, descobriremos vida cada vez mais abundante.

Eu vos imploro, de todo o coração, que considereis com grande seriedade a importância do Livro de Mórmon para vós, pessoalmente, e para a Igreja, coletivamente.

Não permaneçamos sob condenação, com seus tormentos e julgamentos, tratando levemente esta grande e maravilhosa dádiva do Senhor, mas,

preferivelmente, conquistemos as promessas que nos foram feitas, se a entesourarmos em nosso coração.

Tenho recebido muitas cartas dos santos de todo o mundo, tanto jovens quanto idosos, que aceitaram o desafio de ler e estudar o Livro de Mórmon.

Tenho-me maravilhado com o relato da transformação de suas vidas e de como se aproximaram do Senhor, em consequência desse compromisso. Esses gloriosos testemunhos têm reafirmado à minha alma as palavras do Profeta Joseph Smith, de que o Livro de Mórmon é verdadeiramente “a pedra angular de nossa religião”, e que o homem e a mulher, seguindo seus preceitos, “aproximar-se-ão mais de Deus por ele do que por qualquer outro livro.”

Esta é a minha oração, que o Livro de Mórmon se torne a pedra angular de nossa vida. □

Discurso proferido na Conferência Geral de outubro de 1986.

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. O Livro de Mórmon é uma dádiva para a humanidade moderna, preparado para nós sob a direção do Senhor.

2. Embora o Senhor tenha prestado testemunho várias vezes sobre a veracidade do Livro de Mórmon, muitos de nós ainda o tratamos levemente, não o lendo freqüentemente nem aplicando os seus ensinamentos.

3. Poderíamos fazer do Livro de Mórmon um estudo constante porque:

- É a pedra angular de nossa certeza de Cristo, de nossa doutrina e do testemunho.
- Foi escrito para os nossos dias.
- Ele nos ajuda a chegarmos mais perto de Deus.
- Existe um poder que começa a fluir para nossa vida, no momento em que iniciamos um estudo sério de seu conteúdo.



PINTURA DE GREG OLSEN



SANTOS INDONÉSIOS

David Mitchell

São quase quinze para as dez em Solo, 585 quilômetros a sudeste de Jacarta, capital da Indonésia. O irmão Suwarno pega sua bicicleta e sai de casa. Três de seus sete filhos estão com ele. Outros três se equilibram numa outra bicicleta, dirigida pelo irmão mais velho, Andi. Vão para a Escola Dominical. Depois de dar a aula de Doutrina do Evangelho, o irmão Suwarno assistirá à reunião do sacerdócio durante dez minutos e então voltará para casa, a fim de buscar a esposa para a reunião sacramental.

Cerca de 600 quilômetros para o lado oeste, em Bandung, o irmão Dapalangga, a esposa e quatro filhos alugam um pequeno carro para irem à Igreja. O irmão Dapalangga é o presidente do Ramo de Bandung. Em Jacarta, a irmã Hermin e os dois filhos mais novos vão para a igreja de ônibus. O filho mais velho vai de bicicleta e, tomando alguns atalhos, chega primeiro.

Todos convertidos à igreja, os Suwarnos, os Dapalanggas e os Hermins são típicos dos quatro mil santos dos últimos dias que existem em uma nação de 187 milhões de pessoas.

A Igreja é relativamente nova na Indonésia, um país formado por um conjunto de cerca de treze mil ilhas que se enfileiram acompanhando o equador, entre a Ásia e a Austrália. A principal ilha, Java, uma das áreas mais densamente povoadas do mundo, é o lar dos santos que integram três distritos e dezessete ramos.

COMEÇO SINGELO

O primeiro ramo foi organizado em Jacarta, em fevereiro de 1970, um mês depois que os missionários da Missão Cingapura chegaram ao país, que é predominantemente islâmico. A Igreja foi reconhecida oficialmente em agosto de 1970. Durante os anos

O irmão Suwarno prepara-se para ir de bicicleta para a Igreja, em Jacarta, com três de seus filhos. Três outros vão em outra bicicleta dirigida por seu irmão mais velho.



Quando pode descansar do trabalho como supervisor da obra missionária na Indonésia, o Presidente Piet Hien Tandiman

gosta de tocar violino. Conversos à Igreja, ele e irmã Tandiman já viram quatro de seus filhos cumprirem missão.

seguintes, o número de membros cresceu, foram organizados mais ramos, o Livro de Mórmon foi publicado em indonésio, e foram chamados missionários do próprio país. O trabalho de proselitismo teve, então, algumas dificuldades e foi restringido pelo governo, tendo sido a missão descontinuada em janeiro de 1981. Os missionários locais, porém, continuaram discretamente a trabalhar. Em 1985, foi aberta uma nova missão, sob a direção do Presidente Effian Kadarusman, um indonésio. Dedicaram uma nova casa da missão em julho de 1988, mas não foi permitida a entrada de missionários estrangeiros no país desde novembro de 1988.

Em julho de 1989, o escritório da Missão Indonésia foi, mais uma vez, fechado. Atualmente, o trabalho missionário está de novo sob a direção da Missão Cingapura. Hoje, cerca de sessenta missionários indonésios difundem a mensagem do evangelho sob a supervisão do Presidente Piet Hien Tandiman, conselheiro na presidência da Missão Cingapura, que mora em Jacarta.

O Presidente Tandiman, funcionário aposentado do governo, estava trabalhando em um escritório de advocacia em 1970, quando conheceu advogados santos dos últimos dias que procuravam o reconhecimento da Igreja pelo

governo. Ao ser por eles convidado, aceitou as palestras missionárias. Sentiu-se tocado pela conduta dos missionários, seus ensinamentos e a solidariedade que recebeu. "Isto me causou uma impressão muito boa, um sentimento que permaneceu comigo e ajudou-me a continuar ativo naqueles primeiros anos de minha associação", diz ele. A esposa e seis filhos do Presidente Tandiman também aceitaram o evangelho, e ele os batizou. Sua filha casou-se e tem uma filhinha. Quatro filhos cumpriram missão na Indonésia, e o quinto aguarda ansiosamente o chamado.

Um ano depois de seu batismo, o irmão Tandiman foi chamado como presidente do Ramo de Jacarta e, mais tarde, para presidente do Distrito de Java Oeste.

PROCURAR ALCANÇAR A TODOS

Supervisionando a obra missionária, o Presidente Tandiman vê a necessidade de os missionários e membros da Indonésia procurarem, com o maior empenho, alcançar todos os níveis da sociedade do país. "A maioria de nossos membros pertence à classe pobre", diz ele. "Precisamos fortalecer o alicerce da Igreja com membros de todos os segmentos da sociedade."

Como em qualquer outra área em



A família Tukimin, de Solo, vende bakso (almôndegas) neste carrinho. Dois missionários santos dos últimos dias paravam regularmente em sua banca. Certo dia, o irmão Tukimin lhes perguntou o que faziam. Essa pergunta inicial levou ao batismo da família. Atualmente, o irmão Tukimin serve como conselheiro na Escola Dominical. Da esquerda para a direita: Sarwono, Supono, Sariyati (na banqueta), Sariyani, irmã e irmão Tukimin. Não aparecem na fotografia dois outros filhos, Sarsono e Triyono.

Mãe que sustenta sozinha três filhos, a irmã Hermin, do Ramo de Selatan, em Jacarta, encontra seu

maior apoio sendo firme na Igreja, lendo as escrituras e cantando hinos.



Informado sobre uma igreja nova e "falsa" que chegara a Solo, Thomas Suwondo ficou bastante curioso e foi assistir às suas reuniões. Ele e a mulher receberam as palestras dos missionários e foram batizados em 1978. Eles e os filhos são membros do Ramo de Banjarsari. O irmão Suwondo é alfaiate e também professor particular de matemática e outras matérias. Dava aulas longe de casa, quando esta fotografia foi tirada. A irmã Suwondo, a segunda a partir da esquerda, é vista com cinco dos sete filhos. Suharno, em pé à esquerda, é um sobrinho.

que a Igreja se desenvolve, existe a necessidade de integrar e reter melhor os membros novos da Indonésia. "Às vezes, simplesmente comparecer às reuniões da Igreja já pode ser um desafio. Muitos membros moram longe dos locais de reunião, e o transporte público pode ser caro para uma grande família de baixa renda", diz o Presidente Tandiman. Acho, porém, que quando as pessoas querem ir à Igreja elas encontram um meio de fazê-lo. Isto é uma prova de fé."

APOIO E FORÇA

A fé em Jesus Cristo e as boas obras brilham como um farol na vida dos santos da Indonésia. O irmão Suwarno, de Solo, enfrentou um desafio à sua nova fé, quando perdeu a filha de sete anos em um trágico acidente, apenas duas semanas depois de ter sido batizado na Igreja, em dezembro de 1977.

"Naquela época, eu era alfaiate. Estava sempre bastante ocupado e não podia dedicar muito tempo à família. No dia do acidente, eu estava acabando um trabalho para um cliente, e deixei minha filha sozinha. Não sei como, ela derrubou uma lamparina de querosene que estava na mesa, e o líquido se esparramou e pegou fogo. As chamas se espalharam pelos seus cabelos e

pelo vestido. Queimei as mãos, enquanto tentava freneticamente tirar-lhe o vestido. Quando o consegui, levei-a para o hospital, mas ela faleceu oito dias depois.

Os missionários e membros do ramo foram ao hospital e à nossa casa oferecer ajuda. Um dos membros passou muitas horas comigo no hospital, todas as noites. Não pude esquecer nem ignorar o que ele e outros membros fizeram por mim. Seu apoio e sua força ajudaram-me naqueles meus primeiros dias de Igreja.

A integração e o interesse genuíno dos membros também ajudaram minha mulher a aceitar o batismo. Ela foi batizada em 1979. Meus filhos filiaram-se à Igreja, ao alcançarem a idade do batismo.

Quando me batizei, estava tentando decidir como poderia melhorar a vida de minha família. Comecei a aprender inglês com os missionários e, assim, fui aprovado num concurso do governo. Tenho agora um emprego melhor como guia de turistas."

Às vezes, diz o irmão Suwarno, ser um santo dos últimos dias numa sociedade islâmica não é fácil. "Quando meu filho estava no ginásio, seu professor era muito exigente e aconselhou-o a não seguir os ensinamentos da Igreja. Meu filho, porém, portou-se como





Uma das primeiras missionárias nativas chamadas para servir na Indonésia, a irmã Endang Prihatini

(a segunda partindo da esquerda), gosta de dar aulas para as classes do seminário e instituto em Solo.

deveria, e tudo ficou bem. Sempre digo à minha família: 'Não importa o que aconteça, lembrem-se de quem são e vivam os padrões da Igreja.'

DEFENDER OS PADRÕES

Para ajudá-los a manter esses padrões, os filhos do casal Suwarno freqüentam o seminário diário, dado pela professora Endang Prihatini. A irmã Endang, que tem trinta e cinco anos, foi uma das missionárias que acompanharam os Suwarno, quando eles perderam a filha. Ela conhecera a Igreja por meio de amigos que eram membros. Quando a irmã Endang manifestou desejo de ler alguma coisa, conta ela, "Eles me deram um folheto que apresentava o plano de salvação. Fiquei muito interessada. Perguntei-lhes se poderia filiar-me à Igreja, e eles ficaram muito felizes ao ouvir isso. Disseram-me que, se eu desejava aprender sobre a Igreja, enviariam os élderes à minha casa. Obtive permissão de meu pai e os missionários nos apresentaram o evangelho.

Meu pai e meu irmão também ouviram as palestras. Fui batizada em março de 1974. Um mês depois, meu pai foi batizado e, um mês mais tarde, dois de meus irmãos. Depois, minha mãe também recebeu o batismo, e meus outros irmãos e irmãs foram sendo batizados ao completarem oito anos. Dos nove filhos, cinco já cumpriram missão na Indonésia.

Fui uma das primeiras missionárias locais. Servi durante dezoito meses como missionária de bem-estar. Uma de minhas conselheiras era Mary Ellen Edmunds, atualmente diretora adjunta no Centro de Treinamento Missionário, em Provo, Utah, EUA. Ela me ensinava inglês todas as manhãs, dizendo frases como: 'This is a wall', (Esta é uma parede); 'Drop your pen', (Deixe cair sua caneta); 'Pick it up' (Pegue-a)."

A irmã Endang trabalha agora em tempo integral para o Sistema Educacional da Igreja, dando três aulas do seminário, com quarenta e cinco alunos de quatro ramos. Ensina também três classes do instituto para jovens casais, ex-missionários e alunos de faculdades. É também a presidente dos Adultos Solteiros do distrito.

Como muitas jovens da Igreja, irmã Endang enfrenta o desafio de ser solteira. "Agora não é mais um desafio", diz ela. "Sabe, há alguns anos, quando tinha trinta anos, sentia-me infeliz por não ser casada. Certo dia, eu disse ao Pai Celestial: 'Senhor, faço tudo que devo fazer. Por que não sou casada com um bom homem, um portador do sacerdócio?' Em meu coração, senti como se ouvisse algo assim: 'Endang, você tem muitas coisas para agradecer.' E então contei as muitas bênçãos que tenho recebido, especialmente o conhecimento do evangelho.

Além dessa experiência, tenho



Presidente do Distrito de Jacarta desde maio de 1990, o Presidente Toegono Wirjodihardjo e a esposa foram batizados em 1973, e também quatro filhos e um sobrinho. Ele sempre encoraja os membros do distrito a serem obedientes aos ensinamentos da Igreja. "A felicidade na família, na Igreja e na comunidade só é alcançada pela obediência e fé em Jesus Cristo", diz ele. "Precisamos ser obedientes e ser exemplos vivos do evangelho, para nos tornarmos uma luz para o mundo."

sido confortada por minha bênção patriarcal, pois ela me diz que encontrarei o homem que se casará comigo no templo. Estou certa de que o Senhor me dará essa oportunidade, se eu permanecer perto dele. Assim, já não me preocupo por ser solteira.

Simplemente sei que o Senhor zelará por mim, se eu obedecer aos padrões da Igreja.”

ALEGRIA NA LUTA

Defender os padrões da Igreja é um objetivo constante da irmã Hermin, do Ramo de Jacarta Selatan, que tem de sustentar sozinha seus três filhos. Ela era inativa na igreja protestante, quando uma parenta SUD lhe perguntou se gostaria de ouvir a mensagem do evangelho.

“Sua pergunta me fez lembrar de algo que aconteceu há dez anos, quando eu tinha vinte anos”, diz a irmã Hermin. “Naquela época, eu perguntei a minha mãe onde poderia aprender o evangelho de Jesus Cristo. Minha mãe me disse que tivesse paciência, e garantiu-me que um dia uma ou duas pessoas chegariam à nossa casa para ensinar-me o evangelho.

Fui batizada em dezembro de 1985, três meses depois de haver conhecido os missionários. Eu era

casada e tinha um filho, Mindo. Ele e meu marido se uniram mais tarde à Igreja.”

Depois nasceu outro filho, Nando, que foi batizado aos 8 anos. O terceiro filho, uma menina, morreu com um ano de idade.

Perdendo uma batalha contra o álcool, o marido da irmã Hermin não foi capaz de apoiar a família e afastou-se da Igreja. Irmã Hermin tornou-se a provedora da família, vendendo melancia na rua — algo que ainda faz. O marido faleceu em 1989, quando ela esperava o quarto filho, Martin.

Com os três filhos, ela mora em um pequeno casebre de dois cômodos, apertado entre algumas lojas velhas de uma rua movimentada. Ela aumenta um pouco sua renda, alugando uma casinha que tem em outro local da vizinhança.

Lutar para fazer com que o casebre tenha condições de vida e seja um abrigo separado do mundo barulhento de fora é um desafio. Certa vez, parte do casebre caiu, mas o presidente do ramo ajudou-a a consertá-lo.

“Os membros do ramo estão sempre dispostos a me ajudar, quando preciso”, diz ela. “Mas, a maior ajuda que tenho é minha atividade na Igreja. Gosto do material das lições e aprecio a

educação espiritual que os meninos recebem. Meus filhos já enfrentaram momentos difíceis, mas sua atitude para com a vida é boa, devido à atividade na Igreja. Para nós, a noite familiar não é apenas uma vez por semana. Reunimo-nos quase todas as noites, lemos as escrituras e cantamos juntos.

Sei, por experiência própria, que sempre que me sentir triste ou angustiada, se ler as escrituras e cantar alguns hinos, minha carga será aliviada e serei feliz novamente.”

“DEUS CUIDOU DE MIM”

O evangelho e a felicidade, que ele pode trazer são usufruídos pelo Presidente e pela irmã Yohanes Dapalangga e sua família, em Bandung.

Irmão Dapalangga nasceu numa família cristã. O pai era ministro de uma igreja protestante. Seu avô foi o primeiro ministro nativo da ilha de Sumba, mas as crenças religiosas de sua família não se enquadravam “com meus sentimentos interiores, com minha consciência. Daí ser considerado um rapaz rebelde, visto que constantemente desafiava essas crenças. Frequentei uma universidade cristã, e mais tarde uma maometana, mas não me encontrei no que se relacionava com religião”.

Muitos anos mais tarde, já casado em Bandung, viu dois missionários santos dos últimos dias andando pela rua.

“Fiquei impressionado com sua aparência e, especialmente, com as plaquetas com o nome, que declaravam publicamente representarem uma igreja cristã. A maioria dos cristãos que conhecia relutavam em declarar suas crenças.”

Convidou os missionários, a irem à sua casa. Nas semanas seguintes, os missionários ensinaram o irmão Dapalangga e sua esposa.

“Alguns conceitos que ensinavam eram novos para nós”, diz o irmão Dapalangga. “Pela primeira vez ouvimos falar da aparição do Salvador no continente americano, e sobre o plano de salvação. Durante algum tempo, decidi evitar o encontro com os missionários, porque temia que estivessem ensinando alguma doutrina falsa. Eles, porém, persistiram, mesmo aguardando durante horas que eu voltasse para casa.

Com o tempo, resolvi ouvir tudo o que tinham a dizer, e depois decidir se era verdade. Deram-me um exemplar do Livro de Mórmon e passei parte da semana lendo e ponderando seu conteúdo.

Quando comecei, parecia haver uma força que me dizia não ser verdadeiro, mas lutei contra esse

sentimento e orei para que pudesse terminar o livro.

Durante algum tempo orei com frequência, para saber se o Livro de Mórmon era verdadeiro e se os missionários eram servos do Senhor.

Uma noite, enquanto dormia, senti que o Senhor me dizia que não demorasse mais. Disse-me que o Livro de Mórmon é verdadeiro e que os missionários são realmente seus servos. Ele me disse que deveria levar minha esposa e família à Igreja, algo que não fizéramos por não nos sentirmos dignos de ir.

Foi um notável momento espiritual para mim. Até hoje tenho vontade de chorar ao lembrar-me de haver sentido o amor de Deus. Descobri que ele se importava comigo, um homem que nada tinha, sem grandes esperanças para o futuro. Sei agora que o Senhor sempre cuidou de mim e minha família. Ele zelou por nós, como zela por todos os seus filhos.

Acordei minha mulher e contei-lhe a experiência. Ela ficou impressionada, como eu, sentindo que era a resposta às nossas orações.”

Desde esse momento, a família Dapalangga absorveu os ensinamentos do evangelho e freqüentou a Igreja — mas o batismo só aconteceu depois de seis meses, em 1984. “Perdêramos a certidão de casamento, de 1973, e os



O irmão Subandriyo nasceu e cresceu em Solo. Ao completar os estudos, mudou-se para Jacarta. Foi batizado em 1977, aos dezenove anos de idade. Depois de cumprir missão na Indonésia, foi trabalhar para uma corporação, onde encontrou emprego para uma jovem, Steffie, que estava voltando da missão. Casaram-se em julho de 1985. Hoje, o irmão Subandriyo é gerente do patrimônio e coordenador do escritório da Igreja em Jacarta. Serve como conselheiro na presidência do Distrito de Jacarta. A irmã Subandriyo é presidente da Primária do ramo. Da esquerda para a direita: Steffie, com Ezra no colo, com Jaredita, Mahonri e irmão Subandriyo.



Em 1970, Hansking Ishar foi o primeiro converso da Igreja em Bandung, quando missionários de tempo integral serviam como presidência do ramo. Apesar dos comentários da família e de amigos, de que os ensinamentos da Igreja não faziam "sentido", o irmão Ishar sentiu um forte ímpeto interior, que o levou a ser batizado. Pouco tempo depois do batismo, foi chamado como secretário do ramo, presidente da Mutual e professor da Escola Dominical — tudo ao mesmo tempo. Irmão Ishar trabalha como arquiteto, tradutor, ilustrador e escritor.

Nascido numa família cristã, o Presidente Yohanes Dapalangga, visto na outra página com a esposa e os filhos, não encontrava

satisfação em sua crença, até que conheceu os missionários santos dos últimos dias.

missionários não nos batizariam sem ela. Por fim obtivemos uma cópia de um cartório do governo."

A família do Presidente Dapalangga, em Sumba, ficou muito feliz por ele se envolver com uma igreja cristã. "Meu pai veio visitar-me e fez muitas perguntas. Disse-me crer que a Igreja é verdadeira, mas que não podia desligar-se de sua congregação. Utiliza um Livro de Mórmon para ensinar os jovens. Ele já mandou vários rapazes passar algum tempo conosco, para que lhes ensinássemos o evangelho. Alguns foram batizados.

Desde que aceitaram o evangelho, os Dapalanggas têm sido ativos no Ramo de Badung. No primeiro ano depois do batismo, irmão Dapalangga foi chamado para servir como segundo conselheiro na presidência do ramo. Foi chamado como presidente do ramo em 1987. A irmã Tini Dapalangga é ativa na Sociedade de Socorro, é agora presidente e já foi conselheira em outra presidência.

Em seus vários chamados, o Presidente e a irmã Dapalangga têm participado dos desafios e problemas que os membros do ramo experimentam. "Mas", concordam eles, "até o mais difícil dos problemas pode ser sobrepujado com oração e desejo de realizar a obra do Senhor."

O Presidente Dapalangga partilha

de conselhos espirituais e conhecimento das escrituras não só com os membros do ramo, mas também com todos os que compram produtos de sua barraca de remédios montada na calçada. Ele diz aos clientes que a medicina pode ajudá-los, mas que o Senhor e seus caminhos são o melhor "remédio".

Além de remédios, o Presidente Dapalangga vende serpentes — serpentes vivas. "Obtenho as serpentes com os caçadores ou com fazendeiros da parte central de Java, onde há muitas cobras. As pessoas gostam de comer a carne e aproveitar a pele. Também gostam do óleo de serpente como bálsamo para dores e mal-estar."

Embora os Dapalanggas lidem com serpentes, eles são bastante sábios para manter-se afastados de suas presas. Da mesma forma, diz o Presidente Dapalangga, "esforçamo-nos por nos manter longe da iniquidade, vivendo o evangelho e edificando nossa força espiritual."

"Devemos crer no Senhor de todo o coração e não depender de nosso próprio entendimento. Se aceitarmos o Senhor e todos os seus ensinamentos, ele nos guiará no caminho que devemos seguir. Sei, por experiência pessoal, que esta Igreja é dirigida por revelação, e que também podemos ter revelações em nossa própria vida." □



Minha Mãe e as Estrelas

A vida era normal para Jared Anderson, de Pocatello, Idaho, EUA, em 1988. Como muitos outros meninos de dez anos, nos Estados Unidos, fazia entrega de jornais pela manhã e tinha tarefas para cumprir em casa. Ele gostava muito de jogar basquete e beisebol, além de andar de bicicleta com os amigos. Naquele ano, porém, sua vida se modificou muito; repentinamente, precisou tomar conta da mãe.

O rapazinho Jared, de treze anos, ainda se lembra da dor que sentiu, quando soube que sua mãe sofrera um ataque, num domingo de abril de 1988. Jared estava passando o dia na casa da avó, quando recebeu um telefonema do hospital. Os testes e a operação feita durante a semana confirmaram que Márcia Anderson tinha dois tipos de câncer no cérebro. Os médicos lhe deram três meses de vida.

“Fiquei amedrontado”, relembra Jared. “Era assustador ouvir dizer que minha mãe estava morrendo. Ela era minha melhor amiga. Sempre estava próxima quando eu precisava dela.”

Agora, Jared também procura estar sempre perto, quando a mãe precisa dele. Ele é o mais novo dos quatro filhos de Neil e Márcia Anderson, e o que tem mais tempo para ficar em casa e cuidar da mãe. Trina, a irmã mais velha de Jared, é casada; seu irmão Shane está na missão em Roanoke, Virgínia, EUA; e sua irmã Kim está fazendo o curso secundário.

Depois da operação da irmã Anderson, ela teve que reaprender todas as coisas — como falar, andar, ler, escrever e vestir-se sozinha.

Teve que passar por intensa terapia física — a qual Jared aprendeu para poder ajudá-la. Ela ainda sofre de ataques; assim, as enfermeiras o treinaram para reduzir os riscos de ferimentos durante um ataque, ensinando-o a segurá-la quando cai.

Elaine Reiser Alder



"Jared tem como que um sexto sentido," diz a mãe, "e parece que chega sempre na hora, para ajudar todas as vezes que preciso dele." Mas Jared explica que qualquer menino faria isso pela mãe a quem ama.

Jared e a família incentivam sempre a mãe, que já ultrapassou as previsões dos médicos quanto ao seu tempo de vida. Ele a ajudou a progredir, passando da cama para a cadeira de rodas e depois, tentando andar novamente. Neste processo, Jared tem procurado ajuda do Pai Celestial. "Até mesmo quando ela está tendo ataques, sempre paro um momento e oro pedindo ajuda, mas não esqueço de pedir ao Pai Celestial que seja feita sua vontade." E acrescenta: "Tenho aprendido muito sobre paciência."

Embora a mãe de Jared necessite de muita ajuda física, ela ainda é um apoio emocional para o filho. "Converso com minha mãe sobre como me sinto ferido e zangado ao mesmo tempo, ao vê-la sofrer", diz Jared. "Às vezes choramos ao conversar."

Quando a irmã Anderson era líder dos escoteiros, a classe de Jared foi ao planetário, na Universidade do Estado de Idaho. Eles adoraram observar as constelações, e ele ainda gosta de identificar muitas delas. No verão passado, Jared e a mãe com frequência estendiam cobertores na relva e ali, do seu jardim, observavam as estrelas.

"Foi ali que tivemos alguns de nossos melhores diálogos", diz a irmã Anderson. "São mais do que conversas sobre astronomia. Falamos sobre a existência pré-mortal e sobre a vida futura, tudo isso sob as estrelas. Falamos sobre problemas e de como melhor podemos encarar a vida que temos à nossa frente."

Outras lembranças felizes para Jared e sua mãe aconteceram em abril e outubro de 1990, quando a família assistiu à conferência geral na Cidade do Lago Salgado. Só um dos membros da família podia sentar-se ao lado da irmã Anderson em uma seção especial do tabernáculo, e Jared foi o escolhido. A irmã Anderson continuou na cadeira de rodas, e Jared sentou-se na fileira da frente. Ele cuidava da mãe, cobrindo-a com



xales para aquecê-la e massageando-lhe os pés, quando ela começava a ter câibras.

Na última sessão da conferência de outubro, a irmã Anderson começou a ter um ataque.

Jared notou sua angústia e deu-lhe imediatamente o remédio, evitando o problema. Um recepcionista do Tabernáculo disse: "Joguei muito futebol quando era jovem, mas nunca vi um homem maior do que você foi hoje, demonstrando compaixão para com sua mãe."

Embora às vezes Jared tenha que desistir de seus planos, a fim de ajudar a mãe, encontra tempo para seus amigos. Quando o pai ou algum outro familiar está com irmã Anderson, Jared e o amigo Tom Illum gostam de andar de bicicleta ou jogar futebol e beisebol juntos. Jared também ajuda outra amiguinha, Sarah Hardy, encorajando-a nos treinos de corrida depois das aulas.

Nos últimos três anos, Jared e a família têm considerado cada dia como um brinde. "Antes eu não dava importância à minha família", diz Jared, "mas agora compreendo com que rapidez uma pessoa saudável pode ficar doente. O Pai Celestial respondeu às nossas orações, e sei que, quando minha mãe for chamada de volta ao lar, estará sempre comigo, em espírito." □

Instruir e Edificar nas Reuniões de Economia Doméstica

Quando me casei”, diz Consolación Pilobello, da cidade de Pasay, nas Filipinas, “não sabia cozinhar e era muito supersticiosa para ir a um médico fazer exame pré-natal. Nosso primeiro filho morreu.”

Ela começa a chorar. “Se eu fosse membro da Igreja naquela época, poderíamos ter salvo o bebê!”

Depois do batismo ela aprendeu, na Sociedade de Socorro, a respeito da purificação da água, higiene, nutrição, primeiros socorros e imunização. “Aprendi a cuidar de meus filhos, de mim mesma e de minha família”, diz ela. Os outros sete filhos que teve foram saudáveis. Atualmente ela é líder de economia doméstica na ala, ensinando o que aprendeu. (Vide *A Liahona*, setembro de 1991, pp. 11–12.)

A irmã Pilobello é apenas uma das muitas irmãs que se beneficiam do programa de economia doméstica da Sociedade de Socorro, cujo objetivo é ajudar as irmãs a enfrentarem os desafios diários e viverem o evangelho em seus lares.

De que maneira as atividades de economia doméstica têm abençoado sua vida?

FORTELECIMENTO INDIVIDUAL E FAMILIAR

Em 1831 o Senhor recomendou: “Quando estiverdes congregados vós vos deveis instruir e edificar uns aos outros” (D&C 43:8). Edificar significa



ILUSTRADO POR LORI ANDERSON

instruir, aperfeiçoar, ou esclarecer. Por meio de convênios feitos com nosso Pai Celestial, estamos unidas na irmandade da Sociedade de Socorro, onde edificamos caráter, confiança, aptidões, fé, lares e famílias.

Mulheres do mundo inteiro descrevem as bênçãos práticas e espirituais advindas das atividades de economia doméstica:

Uma ala de pessoas solteiras se refere a estas ocasiões como “reuniões enriquecedoras”, pois as irmãs estão aprendendo e trabalhando juntas.

Em Auckland, Nova Zelândia, as irmãs recebem instruções sobre como ajudar crianças deficientes e confortar divorciados, viúvos, doentes terminais, ou pessoas que sofreram maus tratos.

Numa recente viagem à África, a presidente geral da Sociedade de Socorro, Elaine Jack, viu as líderes usando as reuniões de economia doméstica para ensinar aos membros como poupar dinheiro no lar.

Como o programa de economia

doméstica pode fortalecê-la e fortalecer sua família?

COLOCAR OS PRINCÍPIOS DO EVANGELHO EM AÇÃO

As reuniões de economia doméstica permitem que as mulheres sirvam ao próximo. Um grupo na Argentina confeccionou roupas para uma irmã da ala, possibilitando sua ida para a missão.

Verônica Dallender, de Pretoria, África do Sul, aprendeu a tricotar pequenas mantas numa reunião de economia doméstica. Ela conta o que aconteceu no dia em que as mantas foram doadas a pessoas de idade: “Uma mulher cega me pediu que dissesse todas as cores de sua manta, enquanto eu lhe passava os dedos pela manta, repetidas vezes. Naquele dia, saí do asilo contando minhas bênçãos!”

Em Grants Pass, Oregon, as irmãs da Sociedade de Socorro confeccionaram oitenta e sete acolchoados para os pobres. Louise Champneys, presidente da Sociedade de Socorro da estaca, declarou: “O mais interessante é que, de repente, existia um propósito real para as coisas que as irmãs estavam fazendo; havia um objetivo à vista.”

Convidamos todas a descobrirem o pleno potencial das reuniões de economia doméstica de abençoar vidas, enquanto aplicam os princípios do evangelho aprendendo, compartilhando, agindo e prestando serviço.

Como podemos promover um espírito de serviço e irmandade? □

UNIDADE NA D



ILLUSTRATED BY ROGER LOVELESS

IVERSIFICAÇÃO



Élder John K. Carmack

Dos Setenta

Em uma igreja mundial, a unidade não significa perda de individualidade.

Quando voltei para casa em Santa Bárbara, Califórnia, depois de servir no Exército dos Estados Unidos em Seul, Coréia, meu primeiro passo para continuar estudos na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, foi mudar-me para a estaca de Los Angeles. Estávamos em 1957. A Estaca, sem que nenhum de nós o notasse, estava para completar uma era como uma estaca comum da Califórnia, com a liderança ocupada por homens e mulheres originários do Estado de Utah e com membros que consistiam, na maioria, de descendentes de europeus. Ocasionalmente um converso judeu e alguns latino-americanos podiam ser encontrados nas congregações, mas isto não era comum. O Presidente John M. Russon logo terminaria um longo e bem sucedido trabalho como presidente de estaca, e era muito respeitado pelos seus membros, todos de idêntica formação étnica. Mal imaginávamos a revolução que ocorreria na estaca nas três décadas seguintes.

Deixem-me adiantar-me até 1988. O Museu de História e Arte da Igreja acabara de promover o primeiro concurso internacional de arte. Aceitava-se qualquer forma de arte que tivesse um tema relacionado ao evangelho. O sucesso do concurso foi maior do que havíamos antecipado. (Foi realizado um segundo concurso internacional de arte em 1991.) A revista da

Existe uma força unificadora suficientemente poderosa para sobrepujar os elementos divisíveis da diversificação? A resposta é sim!



FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND



FOTOGRAFIA DE PEGGY JELLINGHAUSEN



Igreja publicou fotografias de muitos participantes desse concurso. Essas, e outras fotografias que não foram publicadas formavam um agradável conjunto. Obras de arte de muitas partes do mundo foram expostas no museu durante os meses da mostra. Algumas ainda estão lá, inestimáveis em suas mensagens.

Havia uma rica diversidade de obras. Peças de arte européia, com temas simbólicos, ali estavam ao lado de telas coloridas e cheias de imaginação, vindas da América Latina — uma variedade de temas do evangelho, pintados por membros das ilhas do Pacífico, e uma colagem de formas e estilos de arte de todas as partes da América do Norte. Obras de arte simples, diretas e realistas foram exibidas ao lado de representações abstratas, simbólicas, impressionistas e sérias de temas do evangelho. Quem teve a sorte de ver a exposição foi recompensado por uma exibição agradável, unificada e emocionante de arte e talento. A presença e a influência do Salvador tomaram conta do museu e saudaram seus visitantes.

O que dava unidade às diferentes obras inscritas? O que fez com que a mostra não fosse apenas uma coleção descombinada de trabalhos amadores? O evangelho restaurado de Jesus Cristo ligava e unia essas obras de arte. Sua diversidade cultural era a força e o encanto universal da exposição. A frequência aumentou, pois muita gente voltava repetidas vezes. O interesse e entusiasmo teriam sido bem menores, se apenas dominasse a arte de uma cultura e de uma área.

A CRIAÇÃO DE UMA SÓ IGREJA

Esse concurso de arte internacional espelhou a unidade e diversificação que hoje nos saúda com frequência nas congregações dos santos. Os primeiros santos cristãos também enfrentaram a diversificação. Não foi fácil para eles, e o grau de sucesso na assimilação de culturas diferentes variava. Eles não tinham os muitos fatores de união de que dispomos — como a comunicação instantânea, as corporações multinacionais, as viagens entre os continentes e uma vasta seleção de livros e revistas. Encontraram, porém, um modo de criar uma igreja para recém-conversos oriundos de vários países.

Quer reconheçamos ou não, a diversificação é, atualmente, uma parte da Igreja, e está aumentando dia a dia. Se a nossa experiência em ligar e unificar membros diferentes for tão bem sucedida como nosso concurso de arte, poderemos desenvolver uma igreja colorida, bela e com profunda unidade espiritual. Para termos sucesso, precisaremos de idéias unificadoras, ensinadas por líderes responsáveis. As estacas e alas cujos membros saúdam e dão as boas-vindas com entusiasmo a pessoas de culturas diferentes — fazendo os irmãos participarem de serviço significativo — apressarão o processo de unificação. Como disse o poeta Ralph Waldo Emerson, “Todos são necessários a cada um; nada é belo ou bom por si só.” (Tradução livre)

Bem, voltemos à Estaca Los Angeles e à feliz década de 1950. Havia apenas um grupo minoritário na

estaca. O Presidente Joe Brandenburg presidia seu querido Ramo do Sul da Califórnia para Surdos. Aquele raminho era a alegria da estaca, quando eu cheguei. O Coral das Mães da Sociedade de Socorro nos deleitava na conferência da estaca, cantando belos hinos e transmitindo a letra por meio de sinais da linguagem de surdos-mudos. A estaca tinha muitos desafios, mas a verdadeira diversificação ainda estava para vir.

Os acontecimentos começaram a modificar a estaca e a região do Sul da Califórnia. O Presidente John K. Edmunds decidiu enviar uma dupla de missionários para trabalhar com os surdos. Élderes Wayne Bennett e Jack Rose ajudaram a aumentar o número de membros do ramo. O Presidente Brandenburg tornou-se o Bispo Brandenburg. A ala se dividiu várias vezes, e ramos para surdos começaram a surgir em outras estacas.

UMA SIGNIFICATIVA MUDANÇA

Nesse meio tempo, na Coréia, no início da década de 1950, estavam acontecendo coisas que, com o tempo, modificariam a Estaca Los Angeles. Uma guerra envolveu aquele antigo país que estivera fechado para a influência ocidental e para a obra missionária. Até aquela época, as sementes do evangelho eram plantadas por santos dos últimos dias militares que viviam sua religião, enquanto no serviço militar.

Ao mesmo tempo, Kim Ho Jik estava fazendo seu doutorado na Universidade de Cornell, em Ithaca, Nova York, EUA. Foi forçado a separar-se da família, que estava na Coréia, durante longo tempo, por causa da guerra, e lágrimas de preocupação molhavam seu travesseiro durante a noite. Naquela situação e com esse tipo de sentimentos, ficou impressionado pelas boas obras e pela doutrina de seus amigos santos dos últimos dias. Filiou-se à Igreja e tornou-se o primeiro élder da cultura coreana. Retornando à Coréia, depois da guerra, veio a ser o vice-ministro da educação do país e o principal élder entre os santos coreanos. (Vide "Kim Ho Jik: Pioneiro Coreano", *A Liahona*, fevereiro 1989, p. 8.)

Logo os missionários da Igreja substituíram os

militares nas posições de liderança, e começaram a ensinar o evangelho na língua coreana. Como membro das Forças Armadas, eu estava lá para receber os élderes Powell e Deton, primeiros missionários a chegar a Seul. Os ramos, distritos e missões passaram a alas, estacas e um templo. Centenas de milhares de coreanos, inclusive alguns santos, emigraram para os Estados Unidos e outros locais. Muitos se filiaram à Igreja em seus novos países. Tanto em seu país, como fora, os coreanos se tornaram parte de uma Igreja mundial, mudando e enriquecendo a sua variedade. Muitos foram para a Estaca Los Angeles, onde se formou um ramo coreano. O oriente estava começando a encontrar o ocidente — e, desta vez, no ocidente.

Essa enorme mudança, resultante do rastro deixado pela guerra, repetiu-se em outros países, espalhando vietnamitas, hmongues, cambojanos e muitos outros por todo o mundo. Os ventos da tribulação sopraram essas pessoas do oriente para o ocidente e, como resultado, as portas do evangelho se abriram para elas de par em par. A América Latina e as Filipinas também se abriram amplamente para o evangelho, e muitas dessas pessoas foram para os Estados Unidos, procurando melhores oportunidades econômicas para suas famílias. Tanto em seus países como nos Estados Unidos, entraram para as congregações dos santos. Repentinamente, as congregações da Estaca Los Angeles — citada aqui como exemplo — permearam-se de muitas culturas. As estacas de Oakland e San Diego sofreram o mesmo processo. Os líderes fizeram o máximo para criar congregações de santos unificados que amavam, aceitavam e serviam uns aos outros. Foram organizadas algumas unidades em línguas estrangeiras.

"JÁ NÃO SOIS ESTRANGEIROS"

Alguns dos membros que se opunham a mudanças reclamaram, e muitos se mudaram para outras áreas. Alguns sentiram saudades dos velhos dias. Em 1978, mais pessoas negras começaram a filiar-se às nossas congregações, e os membros da Igreja se tornaram ainda mais variados. Os líderes, nas conferências de estaca e

alas, assim como em outras oportunidades, ensinavam doutrinas de amor, aceitação de todas as pessoas e unidade. Um novo entusiasmo foi sentido entre os santos. Como observou a irmã Pinkston, que na época era presidente da Sociedade de Socorro da Ala de Wilshire, na Estaca Los Angeles: “Estes são dias de animação e glória, não os dias em que éramos todos descendentes de europeus.”

Muitos observaram Los Angeles e Oakland, na Califórnia; Chicago, em Illinois; Londres, na Inglaterra, e outras grandes cidades se tornarem centros de população internacional na Igreja e ficaram imaginando como seria o futuro. Logo se tornou evidente que a mesma coisa estava acontecendo em muitas outras estacas perto dos principais centros populacionais. Hoje, seja em Washington, D.C.; São Paulo, Brasil; Sidney, Austrália; ou Hyde Park, em Londres, Inglaterra, essa diversificação é observada pelos membros da Igreja que viajam. Isso é tão emocionante quanto enriquecedor. Apresenta uma multidão de desafios, mas está funcionando muito bem, em todos os lugares em que os líderes entendem o significado do que está acontecendo.

UMA FORÇA UNIFICADORA

Existe uma força unificadora suficientemente poderosa para sobrepujar os elementos divisores da diversificação? A resposta é um ressoante sim!

Líderes inspirados e entusiásticos são necessários. Onde existe visão, as pessoas são receptivas. A doutrina está em seu próprio lugar. Jesus Cristo é a pedra de esquina da Igreja, e é dito a todos os que a ela se filiam: “já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus” (Efésios 2:19). O profeta de Deus nos fala simples e autorizadamente sobre assuntos de doutrina prática. A autoridade do sacerdócio dada aos homens dá-lhes o direito de batizar, conferir o Espírito Santo e abençoar nossas congregações com unidade, sem nos privar de nossa diversificação. As escrituras autorizadas contêm as palavras de Deus para nos orientar. As ordenanças básicas do evangelho, as reuniões sacramentais semanais, as bênçãos do templo e um sacerdócio e Sociedade de

Socorro universais estão à nossa disposição. O evangelho centraliza-se no lar, e a divulgação do evangelho por intermédio da obra missionária e das ordenanças do templo pelos ancestrais falecidos mantêm todos os membros envolvidos, proporcionando aos santos uma vida dinâmica e cheia de ação. Como um alicerce sólido, o Espírito Santo unifica todos os que são dignos de receber seus dons e magnificam-nos.

RÓTULOS E OUTRAS BARREIRAS

A despeito dessas doutrinas e práticas simples e unificadoras, existem algumas barreiras à criação de maior unidade em meio à diversificação. Essas barreiras incluem a discriminação racial e cultural, assim como as atitudes de separatismo. O evangelho é maravilhosamente suficiente para criar a unidade desejada, mas as pessoas são imperfeitas. O desconforto devido a barreiras de línguas, o medo de aceitar os que têm a pele de cor diferente, o distanciamento dos solteiros — tudo isso tem criado barreiras à unidade. Geralmente, o pouco caso, o isolamento e a discriminação são reforçados pelo uso de rótulos. Rotular um outro membro da Igreja como intelectual, membro menos-ativo, feminista, sul-africano, armênio, mórmon de Utah, ou mexicano, por exemplo, parece fornecer uma desculpa para que se trate mal ou ignore essa pessoa. Para que criemos uma sociedade como aquela que foi imaginada por Enoque, é preciso que abordemos esses problemas e muitos outros.

Ao nos tornarmos um com Deus, nós nos tornaremos um com todos. Ao nos tornarmos um com todos, tornamo-nos um com Deus.

Essa unidade, que deveria ser natural, com frequência é alcançada de maneira dolorosa, passo a passo — “linha sobre linha, preceito sobre preceito” (D&C 98:12).

Foi necessária uma revelação ilustrativa, para que Pedro dissesse: “Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas;

Mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e obra o que é justo” (Atos 10:34-35).

Alguns de nós, como Paulo, fácil e naturalmente admitimos a idéia de aceitar a todos como nossos

O evangelho centraliza-se no lar, e a divulgação do evangelho, da obra missionária e das ordenanças do templo pelos ancestrais falecidos mantêm todos os

membros envolvidos, proporcionando aos santos uma vida dinâmica e cheia de ação. Como um alicerce sólido, o Espírito Santo unifica todos os que são dignos.



FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND



FOTOGRAFIA DE RUSS HOLT

iguais. Como um povo, nós, da mesma forma que a Estaca Los Angeles, não estamos nos saindo mal no cumprimento desta ordem de criar a unidade das muitas culturas. Podemos, porém, fazer muito mais para desfrutar a diversificação cultural de nossos irmãos. Isto pode exigir uma grande mudança de atitude, mas temos que aprender a apreciar as diferenças nos outros. O futuro trará muito mais diversidade cultural para a Igreja, e todos merecem ter amigos e líderes como Paulo.

O ELO COMUM

A simplificação da organização, do processo e da adoração — permitindo um retorno ao que é básico e fundamental — parece também estar a caminho. Mudanças, realizadas com sabedoria e ordem, estão varrendo a Igreja. O novo programa de orçamento é um exemplo desta simplificação.

A experiência me ensina que precisamos trabalhar muito para criar uma unidade na diversificação. Precisamos fazê-lo com uma liderança forte e ativa. A unidade na diversificação não acontecerá, se simplesmente deixarmos que as coisas aconteçam. O isolamento e a discriminação ainda são capazes de aflorar em todas as partes da Igreja.

Cada um de nós precisa designar a si mesmo como “comitê de uma só pessoa”, a fim de criarmos um espírito de receptividade, aceitação e unidade onde quer que estejamos. Isto deve ser nossa prioridade. Precisamos

especialmente de líderes que mostrem o caminho por preceito e exemplo. Cada um de nós precisa ser justo com todos, especialmente com as vítimas de discriminação, isolamento e exclusão. Tenhamos cuidado para não considerarmos engraçada qualquer anedota que diminua ou deprecie alguém por causa de diferenças religiosas, culturais, raciais, nacionais, ou de sexo. Todos são semelhantes para Deus. Devemos afastar-nos ou fazer alguma coisa para solucionar o problema, quando nos confrontamos com essas práticas comuns e indignas. Cada um de nós deve fazer a sua parte.

Com a abertura de novas missões nas Américas do Sul e Central, Bulgária, Checoslováquia, Grécia, Hungria e Polônia, e com novas nações dedicadas à pregação do evangelho, continuamos a acelerar o passo para nos tornarmos uma Igreja que serve à maior parte do mundo. Inevitavelmente, a diversificação racial, cultural e nacional continuará. Este é um grande dia! Nós, como a Estaca Los Angeles, seremos enriquecidos por ela.

Que possamos aproveitar todas as oportunidades de diminuir o isolamento, aumentar a inclusão e embelezar nossa vida com essa diversidade humana dentro dos elos unificadores das crenças doutrinárias. Como aconteceu na mostra internacional de arte do Museu da Igreja, vamos encontrar o elo comum que nos une por meio do amor e por intermédio de Cristo e seu evangelho. Que o resultado feliz seja o desenvolvimento da *unidade na diversificação*. Que possamos viver a feliz situação da era do Livro de Mórmon em que não se encontrava “qualquer espécie de itas” (4 Néfi 1:17). □

É POSSÍVEL SER FELIZ?

Barbara Cacchinaro

conforme narrado a Pietro Currarini

Acabei, por fim, deixando os dois rapazes entrarem em minha casa, em Padova, na Itália, como recompensa pela sua perseverança. Eles continuaram voltando, apesar de todas as desculpas que inventei quando soube que eles eram missionários santos dos últimos dias. Por fim, acabei recebendo-os em minha sala de estar, e conversamos sobre felicidade — para meu grande aborrecimento.

Apesar de ter gostado da conversa, ouvir aqueles dois jovens me dizerem que eu podia ser feliz aqui na terra ia contra as minhas crenças. Eu achava que aqui na terra só tínhamos sofrimentos, e que somente após a morte, quando fôssemos morar com Deus, poderíamos encontrar a felicidade.

Devia considerar-me feliz na época, tendo um marido que me amava muito, uma filha de três anos e uma casa nova. As provações por que tinha passado durante a vida, porém, haviam-me feito pensar de modo diferente. Fui criada por um pai que não se dava muito bem com minha mãe. Seis anos atrás tinha perdido um bebê, que vivera apenas três dias — uma morte que não conseguia compreender.

Por isso, eu era infeliz e indiferente. Quando os missionários estavam indo embora, marcaram outra data para voltarem e me deixaram um Livro de Mórmon com várias passagens sublinhadas, pedindo-me que as lesse. Eu li os versículos, nos dias que se seguiram, mas não entendi o que diziam.

Os missionários voltavam a cada semana, primeiro sozinhos, depois, com a minha permissão, trazendo uma irmã da Igreja. Concordei em acompanhá-la às reuniões da Igreja, no domingo seguinte. Quando entrei na igreja, senti como se sempre tivesse feito parte daquele lugar.

Muitas pessoas me cumprimentaram com gentileza e apertaram-me a mão calorosamente. Percebi que todos pareciam calmos e serenos, e eu mesma senti paz dentro de mim. Não parecia ser a primeira vez que entrava na igreja, e esse sentimento me assustou. Durante a semana seguinte, eu me senti irritada e não consegui dormir.

Quando os missionários voltaram, perguntei-lhes por que, em lugar de sentir alegria e paz, como me haviam prometido, eu me sentia ansiosa e não conseguia dormir. Em vez de responderem a minha pergunta, eles

me desafiaram a ser batizada. Eu ri abertamente, dizendo-lhes que podiam continuar a visitar a minha casa, mas que nunca me uniria à sua igreja.

Mais tarde, entretanto, ao contar a experiência ao meu marido, e mesmo tendo rido novamente, comecei a pensar em tudo que acontecera. De repente, foi como se algo se libertasse dentro de mim, e senti que tinha de ser batizada.

Meu marido tentou dissuadir-me, tratando minha decisão como se fosse uma piada e fazendo dela motivo de discussão. Disse-me até que eu poderia perder meu emprego, já que onde trabalho todos pertencem à Igreja Católica. Com o passar dos dias, porém, e como eu continuasse a insistir, deu-me permissão.

Depois de receber as aulas missionárias que faltavam, chegou finalmente o dia do meu batismo: 26 de outubro de 1986, dois meses depois da primeira visita dos missionários à minha casa. Eu tremia de emoção e de medo do que o futuro haveria de trazer. Meu marido concordou em comparecer ao serviço batismal com nossa filha.

Assim que entrei na água, todo o

medo desapareceu e me senti livre. Nunca vou esquecer a felicidade daquele momento. Ao ser imergida na água, senti que meus parentes e minha filhinha, do outro lado do véu, estavam felizes e regozijavam-se com a decisão que havia tomado.

Quatro anos se passaram desde aquele dia, e nunca antes senti a paz e a felicidade que senti após unir-me à Igreja. Tornei-me melhor esposa e mãe e agora sirvo como presidente da Sociedade de Socorro do meu ramo. Minha filha frequenta regularmente a Primária e está se preparando para o batismo. Também continuei em meu emprego, sem problemas.

Quando surgem provações que me parecem pesadas demais, aprendi a confiar em meu Salvador, Jesus Cristo. Fui ao templo receber a investidura, e o sofrimento que sentia pela morte de minha filha já quase desapareceu, pois agora compreendo que não a perdi para sempre.

Nunca me cansarei de agradecer aos dois servos do Senhor que me encontraram e me trouxeram esses dons tão preciosos: o Livro de Mórmon, meu lugar como membro da Igreja e a verdadeira felicidade. □



O LIVRO DE MÓRMON

PINTURAS DE
ARNOLD FRIBERG

O propósito de uma ilustração”, escreveu Arnold Friberg, “é sugerir ao leitor algumas ricas experiências que poderá ter, lendo a história ou o livro que está sendo ilustrado.”

Após pintar as seguintes cenas do Livro de Mórmon, ele escreveu: “Minha própria compreensão, e meu apreço pelo Livro de Mórmon aumentaram imensuravelmente . . . As grandes personalidades que caminham por suas páginas se tornaram vivas e reais, e aumentaram de estatura” (*Children's Friend*, dezembro de 1952, páginas 496, 522).

LÉHI, NO DESERTO, DESCOBRE
A LIAHONA

*“Notou, com grande espanto que
havia no chão uma esfera
esmeradamente trabalhada e feita de
fino latão. E no seu interior havia duas
agulhas, uma das quais nos indicava o
caminho a seguir no deserto”
(1 Néfi 16:10).*







LÉHI E SEU POVO
CHEGAM À TERRA DA
PROMISSÃO

“Eu, Néfi, dirigi o navio e navegamos rumo à terra da promessa.

E . . . depois de haveremos navegado pelo espaço de muitos dias, chegamos à terra da promessa; e descemos e assentamos nossas tendas, e a chamamos terra de promessa”
(1 Néfi 18:22–23).

O JOVEM NÉFI DOMINA SEUS REBELDES IRMÃOS

“[Meus irmãos] iraram-se contra mim e tiveram vontade de lançar-me nas profundezas do mar; e quando se aproximaram para lançar mão de mim eu lhes falei, dizendo: Em nome do Deus Todo-Poderoso ordeno-vos que não me toqueis, porque estou cheio do poder de Deus, . . . e quem puser as mãos em mim definhará como uma cana seca . . . pois que Deus o ferirá” (1 Néfi 17:48).





AMON DEFENDE
OS REBANHOS DO
REI LAMÔNÍ

*“Adiantaram-se,
armados de paus,
para matá-lo.
Mas eis que Amon
. . . cada homem que
levantava o cajado para
feri-lo . . . evitou assim
seus golpes, ferindo-lhes os
braços com o fio de sua
espada; . . . sim, e não
eram poucos, mas ele,
com a força de seu braço,
fez com que fugissem”
(Alma 17:36–37).*



ABINÁDI DÁ SUA MENSAGEM AO REI NOÉ

*“(Abinádi lhes disse): “Não me toqueis, pois Deus vos ferirá se
deitardes as mãos sobre mim . . .*

*Depois de Abinádi haver falado estas palavras . . . o povo do rei Noé não se
atreveu a deitar-lhe as mãos, porque o Espírito do Senhor estava sobre ele; e seu
rosto resplandecia com extraordinário brilho” (Mosiah 13:2–3, 5).*

ALMA BATIZA NAS ÁGUAS DE MÓRMON

*“E (Alma) os ensinou e pregou-lhes o arrependimento, redenção
e fé no Senhor . . .*

*E . . . foram batizados nas águas de Mórmon e encheram-se
da graça de Deus” (Mosiah 18:7, 16).*





HELAMÃ LIDERA
UM EXÉRCITO DE
2.000 JOVENS
AMONITAS

"E eram todos jovens,
muito valentes e
corajosos . . .
Sim, eles eram homens
que amavam a verdade
e a sobriedade, pois
havam aprendido a
guardar os manda-
mentos de Deus e a
andar retamente
perante ele.
E . . . Helamã
marchou à frente
desses dois mil jovens
soldados, para
ajudar o povo
(Alma 53:20-22).



O CAPITÃO MORÔNI HASTEIA O ESTANDARTE DA LIBERDADE

"Morôni, comandante geral dos exércitos nefitas . . . rasgou sua túnica e, tomando de uma de suas tiras, nela escreveu o seguinte: Em memória de nosso Deus, nossa religião, nossa liberdade, nossa paz e nossas esposas e filhos; e amarrou-a na ponta de um mastro . . .
(A que ele chamou estandarte da liberdade) . . . e orou fervorosamente a seu Deus, a fim de que as bênçãos da liberdade permanecessem sobre seus irmãos"
(Alma 46:11-13).



JESUS CRISTO APARECE
AO POVO NEFITA

“E . . . elevaram outra vez seus olhares ao céu; e eis que viram um homem que descia, vestido com uma túnica branca, o qual desceu e se colocou no meio deles . . .

E . . . estendeu sua mão e assim falou ao povo: Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas” (3 Néfi 11:8–10).

SAMUEL, O LAMANITA, PROFETIZA

“Não lhe permitiram entrar na cidade; portanto, subiu à muralha . . . profetizando ao povo . . .

Mas todos os que não acreditaram nas palavras de Samuel ficaram irritados contra ele e jogaram-lhe pedras, ao passo que muitos atiraram-lhe flechas enquanto se achava sobre a muralha; mas o Espírito do Senhor estava com ele, de forma que não puderam feri-lo com suas pedras nem com suas flechas (Helamã 13:4; 16:2).



O ARDOR NO PEITO VEIO DEPOIS

Larry A. Hiller

Não era que eu duvidasse, apenas não *sabia*. Lá estava eu, dezessete anos de idade, tendo sido um membro “ativo” da Igreja toda a minha vida. Batizado aos oito anos. Ordenado diácono aos doze. Estava, então, no meu quarto ano de seminário. E, ainda assim, não podia dizer que “*sabia*”.

Para o meu amigo Gary, tudo parecia muito fácil. Frequentemente, nós nos sentávamos lado a lado à mesa do sacramento. Quase todos os domingos de jejum, eu sentia que ele mal podia se conter ao meu lado. Quase sempre se levantava antes do final da reunião de jejum e testemunho para prestar testemunho. Sua voz tremia e seus olhos se enchiam de lágrimas ao dizer como era maravilhoso sentir a influência do Espírito Santo.

Eu tinha inveja de Gary, mas, ao mesmo tempo, sentia-me pouco à vontade. Suas lágrimas me deixavam um pouco envergonhado por ele. Ainda assim, desejava ter o tipo de testemunho que ele tinha. Acho que esse meu desejo não era suficientemente grande na época. Sendo assim, continuei levando a vida sem me preocupar muito.

Então, chegou o último ano do seminário. Tema: O Livro de Mórmon. Ênfase: Morôni, capítulo 10, versículos 4 e 5. Nosso desafio era ler o Livro de Mórmon de capa a capa e orar por um testemunho de sua veracidade — em outras palavras, pôr a promessa de Morôni à prova.

A princípio, não me esforcei muito, mas, à medida que o ano foi passando, comecei a ler o Livro de Mórmon todas as noites, antes de ir para a cama. E, depois de ler, eu me ajoelhava e pedia um testemunho de que o livro e a igreja eram verdadeiros.

Ainda assim, nada aconteceu.

No fundo de minha mente sempre ficava a lembrança do testemunho fervoroso de Gary. Havia também a escritura em Doutrina e Convênios 9:8, onde o Senhor disse a Oliver Cowdery: “Eu farei arder dentro de ti o teu peito.”

Assim, noite após noite, eu me ajoelhava no tapetinho trançado que ficava ao lado de minha cama, fazia uma oração suplicante e deitava-me esperando sentir o ardor no peito. Então, certa noite, parei minha oração no meio e perguntei a mim mesmo: “Será que já sei que é verdade?”

Então, aconteceu. Não houve nenhuma coluna de luz, nem mesmo aquele ardor que eu estava esperando. Em vez disso, simplesmente compreendi.

De repente, soube que sabia. E foi só isso. Calma e tranqüilamente, e aparentemente sem nada de espetacular, era tudo de que eu precisava na época. Eu sabia que sabia.

Desde aí, percebi melhor o significado das palavras do Senhor a Oliver Cowdery na sexta seção de Doutrina e Convênios: “Se desejas outro testemunho, volve a tua mente para a noite em que em teu coração me imploraste para que pudesses saber a verdade com respeito a essas coisas.

Não dei paz à tua mente quanto ao assunto? Que maior testemunho podes receber que o de Deus?” (Versículos 22–23, grifo nosso).

Houve muitas ocasiões, depois disso, em que senti aquele ardor dentro do peito. Muitas vezes senti minha alma dilatar de alegria, como descreve Alma (vide Alma 32:28). Naquela época, porém, essa compreensão calma era tudo de que precisava, tudo de que me lembrava. O Senhor falou comigo e deu paz à minha mente. □



ACAMPAMENTO

Chirley Roundy Arnold

Venez, venez", canta a irmã Jeanne Gueu, sentada na areia branca, sob uma palmeira de doze metros de altura, e olhando as ondas quebrando na praia. Ela canta seu hino favorito: "Vinde, ó Santos". Enquanto canta, outras onze jovens de dois ramos do Distrito Costa do Marfim Abidjan, na África, reúnem-se para uma reunião de testemunho. Nove das onze jovens, incluindo a irmã Gueu, foram batizadas no ano passado.

As jovens também começam a cantar, e esse canto se torna o primeiro hino da reunião. Gisele Kalongo, presidente da classe das Lauréis do ramo de Cocody, levanta-se e é a primeira a prestar testemunho. "Sei que a Igreja é verdadeira", diz. "Ela mudou muito a minha vida". Sendo a mais velha de nove irmãos, e a única menina da família, ela esperou para ser batizada até a mãe e os irmãos estarem preparados para entrar também para a Igreja. Gisele foi acampar no ano passado, sendo uma das duas únicas não-membros em um grupo de cinco meninas. Depois do acampamento, as duas foram batizadas. Para Gisele, as onze jovens deste ano formam um grupo grande para um acampamento.

Tape Carolle, de dezesseis anos, levanta-se e presta testemunho: "Nunca havia experimentado felicidade real, até entrar para a



Igreja", diz ela. "O que senti durante as aulas dos missionários e as reuniões da Igreja me deixou feliz.

Marie Broadhead tem a pele clara, cabelos longos e ruivos, e mora há três anos na Costa do

Marfim. Com quase quinze anos, ela é presidente da classe das Meninas Moças do ramo de Cocody. Este acampamento na praia vai ser sua última grande atividade com estas amigas, pois sua família deve

EM ABIDJAN



Houve uma mistura de línguas e cultura, testemunho e diversão, quando onze jovens do Distrito Costa do Marfim Abidjan se reuniram para o seu acampamento anual, realizado na praia.

Marfim, em setembro de 1987, e dedicou a nação para a pregação do evangelho. Ele ficou na casa da família Broadhead e chamou irmão Terry Broadhead, pai de Marie, para ser o primeiro presidente do ramo de Abidjan. Eles passaram a realizar as reuniões em francês, a língua oficial da Costa do Marfim. Marie fazia um curso intensivo de francês todos os domingos. Agora ela fala francês muito bem.

Marie viu aquele ramo de cinquenta pessoas se tornar um distrito com cinco ramos e mais de quatrocentos membros. Por sua participação nas aulas e por seu exemplo, vivendo o evangelho, ela ajudou a ensinar as outras jovens da sua idade.

Uma das jovens espera até o final para se levantar. "Depois de ouvir a mensagem do evangelho, tive de entrar para a Igreja para ser feliz", diz ela. "Valeu o esforço. Agora sei o que é a felicidade real." Ela foi obrigada a sair de casa por ter-se tornado membro da Igreja, mas não se arrepende.

A reunião de testemunho na

retornar em breve aos Estados Unidos, para depois mudar-se para a Venezuela. Marie se levanta e diz o que sente: "Vou sentir muitas saudades de todas. Vocês se tornaram minhas amigas."

Assim que chegaram à Costa do Marfim, Marie e família realizavam reuniões da Igreja em sua própria casa, todos os domingos. Então o Élder Marvin J. Ashton, do Quorum dos Doze, foi para a Costa do

praia chega ao fim. Caminhando de volta para o acampamento, a irmã Gueu apanha um coco e equilibra-o na cabeça, sem perder o passo. Philomene Gueu imita a mãe, e ambas seguem andando graciosamente com as costas retas, por debaixo das palmeiras.

As meninas africanas aprendem ainda jovens a carregar coisas na cabeça. Com a prática, este é um meio muito conveniente de se transportar coisas. Durante o acampamento, as jovens e suas líderes carregaram muitas coisas na cabeça: panelas, lenha, livros sobre a arte de acampar, comida para um dia, e um pote de água de doze litros.

UMA MISTURA DE CULTURAS E AMIZADES

O programa de acampamento em Abidjan mistura línguas e culturas. As canções durante as caminhadas incluem músicas francesas (como "Frère Jacques") e inglesas, além de diversos cantos africanos. Todas as jovens sabem falar francês, além da sua própria língua tribal. O beta e o baule são as línguas tribais mais comuns.

Abidjan é um caldeirão de culturas, que inclui pessoas de vilarejos distantes e de outros países africanos vizinhos. As pessoas vêm para cá à procura de melhores empregos e salários mais altos. As

jovens que aqui chegam com os pais levam um tipo de vida muito diferente daquele a que estavam acostumadas. Elas gostam de fazer novas amigas com quem têm algo em comum, nas atividades da igreja e do distrito.

Os africanos não são tímidos para fazerem novas amizades e expressarem seus sentimentos por meio de canções e danças. Durante o passeio, cada jovem é encorajada a ensinar uma canção às outras. Amoahedwige Kowies, do ramo de Abobo, ensina mais de uma. Quando ela começa, não há o que a faça parar. As outras jovens seguem a sua regência, batendo palmas ao ritmo de seu canto, enquanto ela lhes ensina uma dança africana.

As moças também aprendem a dar nós, a descobrir o norte pela posição do sol e ensinam primeiros socorros umas às outras. Elas usam uma garrafa de plástico vazia, acoplada a um saco plástico comprimido pelo peso de um livro sobre acampamentos, para aprenderem ressuscitação boca-a-boca.

Como várias jovens, Micheline Kouame, de treze anos, esperava que o acampamento fosse uma experiência muito especial, por isso vestiu sua roupa de domingo. Usar uma saia ou um vestido transpassado, à moda africana, em todas as ocasiões, é comum aqui, — é até esperado. Quando ela precisou acender o fogo, contudo, teve que

tomar cuidado para não sujar nem queimar seu vestido.

Apesar de o acampamento distar apenas trinta minutos de Abidjan, para muitas jovens essa foi a primeira vez que foram à praia. A maior parte do tempo das jovens africanas é passada na escola, se os pais podem pagar, ou trabalhando para ajudar nas despesas da família. Há muito pouco tempo para entretenimento.

A cidade de Abidjan é quase cercada por uma linda lagoa. Em alguns lugares, a lagoa de água doce é separada do oceano apenas por uma estreita faixa de areia, de aproximadamente trinta metros de largura. As águas da lagoa parecem convidar as jovens a brincarem em suas ondas, mas apenas Marie Broadhead e Crystal Arnold sabem nadar. Todas as outras querem ser ensinadas nas águas calmas e rasas. O oceano, apesar de bonito, é bravio e perigoso. Nem mesmo as pessoas que moram nos vilarejos à beira-mar nadam em meio às fortes ondas. Elas preferem a lagoa para nadar e tomar banho. O oceano é apenas para pescar.

As jovens e as líderes se preparam para voltar para casa. Elas riram juntas, aprenderam juntas e compartilharam seu testemunho. Fé e amizades se tornaram mais fortes. As jovens esperam ansiosas o acampamento do próximo ano — e planejam convidar as amigas. □



A Despedida de Mórmon daquela que um Dia Foi uma Grande Nação, por Arnold Friberg

E minha alma estava despedaçada de angústia, em virtude da morte de meu povo; e clamei: Ó formoso povo, como pudeste vos apartar dos caminhos do Senhor? Ó formoso povo, como pudeste repelir aquele Jesus que tinha os braços abertos para vos receber? Eis que, se tal não tivésseis feito, não teríeis caído. Mas eis que caístes, e eu choro vossa perda.



Nos últimos anos, a Igreja teve um crescimento espantoso, pela aceitação do evangelho de Jesus Cristo em todo o mundo. Com membros da Igreja mudando-se para outras partes do mundo, muitas alas e estacas se tornaram diversificadas cultural e etnicamente. Com esta diversificação surge o desafio de manter a unidade entre os santos — de sermos um com Deus e com nossos irmãos (Vide “Unidade na Diversificação”, p. 26.)